

ENTRE LIVROS E LEITURAS: UM ESTUDO DE CARTAS DE LEITORES

Doutorando Raquel Afonso da Silva (UNICAMP)¹

Resumo:

O presente texto tratará de “correspondência de leitores a escritores”. O estudo deste “subgênero epistolar” é feito a partir de três acervos de cartas de leitores a autores infanto-juvenis brasileiros: Monteiro Lobato (1882-1948), Pedro Bandeira (1942) e Ana Maria Machado (1941). Contemplando períodos históricos distintos (décadas de 1930/40, décadas de 1980/90, anos de 2000 a 2005), tal mostra de cartas permite esboçar um quadro da recepção, leitura e apropriação da obra destes escritores por seu público leitor-alvo, além de insinuar-se no interior de discussões mais amplas – tendo em vista o “Sistema Literário” – sobre Leitura, Escola e Literatura infanto-juvenil.

Palavras-chave: correspondência, leitores, leitura, literatura infanto-juvenil brasileira, escola.

Introdução

(...) A obra é feita não duas vezes, mas cem vezes, mil vezes, por todos aqueles que se interessam por ela, que têm um interesse material ou simbólico em a ler, classificar, decifrar, comentar, reproduzir, criticar, combater, conhecer, possuir. (BOURDIEU, 1996, p. 198).

Na esteira de Bourdieu, pode-se compreender a leitura como uma espécie de co-autoria da obra, momento ativo de produção de sentidos, significados. Ato, em grande parte, solitário, a leitura, em especial a do grande público, repousa em silêncio, longe dos ouvidos da crítica que, no mais das vezes, menospreza essa esfera indispensável à constituição do campo das artes.

Mas, em determinadas circunstâncias, esse silêncio é quebrado e o leitor, timidamente, confia suas impressões de leitura, o modo como a obra se constrói a seus olhos. A correspondência entre leitor e autor tem se revelado campo fértil dessas confidências, conforme observado nos acervos de cartas de leitores de Monteiro Lobato, Ana Maria Machado e Pedro Bandeira.

O acervo que abriga a correspondência dos leitores infantis de Monteiro Lobato (1882-1948) é constituído por 246 cartas, escritas no período de 1932 a 1946, e encontra-se preservado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)/USP. As cartas integram, juntamente com outros documentos, o “Arquivo Raul de Andrada e Silva”, compondo o “Dossiê Monteiro Lobato”.

O segundo acervo trabalhado é formado por cartas de leitores a Pedro Bandeira (1942) e encontra-se depositado no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE)/Unicamp, sendo parte do fundo “Memória de Leitura”. Os documentos deste acervo encontram-se ordenados aleatoriamente – uma catalogação efetiva deste material ainda não foi feita, o que impossibilita um inventário geral mais preciso dessas cartas. As cartas estudadas totalizam 474, dispostas em 9 pastas, e que datam do fim da década de 1980 e início da década de 90.

O terceiro acervo abordado é o das cartas de leitores para Ana Maria Machado (1941). O material foi doado pela escritora à Profa. Dra. Marisa Lajolo e contém 482 cartas, enviadas entre 2000 e 2005 por crianças e adolescentes de 6 a 17 anos, e também por alguns “leitores adultos”.

Não obstante as particularidades inerentes à relação dos leitores com o(a) autor(a) a quem escrevem, há práticas comuns à escritura destas cartas que possibilitam lê-las a partir de parâmetros semelhantes. A correspondência desses leitores constitui documentação importante a permitir a entrada, ainda que incipiente, nas práticas históricas de leitura do público e em seus mecanismos interpretativos, possibilitando as discussões sobre recepção, leitura e apropriação de obras literárias, bem como sobre o “subgênero epistolar” em que se enquadram – “cartas de leitores a escritores”.

1. A construção das cartas: “máscaras” e estilos dos remetentes

Um aspecto importante a ser considerado, dentre as estratégias de construção do gênero epistolar, é a criação da “máscara” pelo correspondente. Essa é construída de acordo com o destinatário da escrita, as intenções particulares do remetente e o contexto de produção e troca das cartas. A diversidade de remetentes não permite seguir, caso a caso, a construção desta(s) máscara(s). No entanto, esses remetentes têm em comum o fato de serem leitores a se corresponderem com um escritor (guardadas as devidas singularidades referentes ao autor-destinatário e ao período histórico destas cartas). É, portanto, do lugar de leitor que escrevem e, pois, é possível notar estratégias comuns de construção das máscaras ou imagens destes correspondentes quando se dirigem aos escritores.

Tem-se que ponderar, em primeiro lugar, que esta imagem do remetente-leitor é construída tendo-se em vista um destinatário-escritor. Isso influencia sobremaneira a construção desta máscara pelo remetente, que irá se apresentar, em primeiro lugar, como leitor (por vezes, fã) da obra do autor em questão, imagem que se reforça pela citação dos livros já lidos e/ou comentários sobre a obra preferida²:

Desde os tempos de meus estudos primários venho me deliciando com os seus livros que sempre representam para o meu espírito infantil, motivo de grande alegria. (Carta a Monteiro Lobato. IEB/USP. C1P3C30. s/d).

Prezado autor:

Sou sua fã, gosto muito de seus trabalhos, principalmente do livro “Agora estou sozinha” e a “Marca de uma lágrima”. (Carta a Pedro Bandeira. CEDAE/Unicamp. Pasta 24. 15/08/1991).

Minha querida

Ana Maria Machado

Eu sou teu fã.

Adoro seus livros eles são muito legais. (Carta a Ana Maria Machado. Carta 116, Pasta 2. 14/07/2005).

A reforçar essa imagem de “bom leitor” que alguns leitores esboçam face ao escritor, nota-se a menção à prática da leitura como algo a conferir uma imagem positiva ao remetente – diversos deles frisam que “amam” ler, postulando a leitura, para além da obrigação escolar, como forma de lazer:

(...) gosto imensamente de nas horas de lazer estar sempre com um livrinho de Monteiro Lobato em minhas mãos lendo-o atenciosamente. (Carta a ML. IEB/USP. C2P2C10. 28/20/1945).

Eu gosto muito de ler, já li muitos livros, e nenhum tinha me interessado tanto como este livro [leia-se *A marca de uma lágrima*]. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 24. 21/10/1991).

Eu queria muito um livro seu, eu adoro ler, quando estou sozinho, e quando não tem nada para fazer. (Carta a AMM. Carta 23, Pasta 3. 20/04/2004).

A imagem que os leitores constroem do destinatário, no caso, escritores consagrados de literatura infanto-juvenil, influencia a forma como se apresentam em suas missivas. As cartas oscilam entre a formalidade de quem escreve a alguém importante, superior, pelo qual nutrem grande admiração, expressa por meio de constantes elogios, e a informalidade de quando se escreve a uma pessoa conhecida com quem se almeja uma conversa amistosa e despretensiosa:

Exmo. Senhor Monteiro Lobato

Cordiais Saudações

A muito tempo que quero escrever-lhe, mas, não tinha o vosso endereço. (Carta a ML. IEB/USP. C1P3C43. 25/01/1946).

Querido Monteiro Lobato:

Digo assim porque desde pequenina habituei-me tanto a você, “tivemos” tantas palestras juntos, na minha imaginação, que não teria jeito de trata-lo de outra maneira. (Carta a ML. IEB/USP. C1P2C44. 26/04/1946).

Prezado “Pedro Bandeira”

Primeiramente, gostaria de dizer-lhe que gosto muito dos seus livros. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 29. 10/08/1991).

Querido Pedro

Tomo a liberdade de tratá-lo pelo primeiro nome, pois o considero um amigo. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 30. 29/07/1989).

Prezada Ana maria Machado,

Um dia desses, como sempre, fui à biblioteca da escola e dentre os vários livros que lá havia, resolvi pegar um livro escrito pela Sr^a chamado “Bem do seu tamanho”. (Carta a AMM. Carta 7, Pasta 4. 08/05/2003).

Sabe Ana, “se é que posso lhe chamar somente assim”, com tanta intimidade. É que eu acho que você já se tornou minha amiga, com tantos textos e livros seus que já li. (Carta a AMM. Carta 27, Pasta 4. 17/09/2003).

A informalidade é mais enfática nas cartas daqueles leitores que estabelecem (ou dizem estabelecer) uma troca epistolar freqüente com o escritor. A comunicação constante estreita os laços entre leitor e autor e postula nova forma de relacionamento entre os correspondentes (ao menos por parte desses leitores) – a de amigos – o que autoriza tais leitores a tratar de assuntos de cunho particular em suas cartas, aspecto observado em diversas missivas.

Também afeta o estilo das missivas o objetivo pretendido por estas. Nota-se este aspecto nas cartas que desejam especificamente obter os préstimos do autor para o envio de obras e fotografias e naquelas de *cortesia*, com cumprimentos e/ou agradecimentos ao autor, enviadas, por exemplo, em ocasiões festivas como o Natal. As cartas têm, em geral, um mesmo tom laudatório, o qual traduz a admiração do leitor, como também a estratégia deste de “captar a boa

vontade” do destinatário, no caso daqueles remetentes desejosos de que o escritor atenda aos seus pedidos:

Senhor Monteiro Lobato

Eu tenho lido quase todos os seus livros. Tenho pelo senhor uma grande estima, porque suas histórias, bonitas e instrutivas, muito têm influenciado nos meus estudos. Fique o senhor sabendo que talvez eu tenha aprendido mais nos seus livros que naqueles que usam no colégio. Acontece entretanto que não pude ainda completar a coleção de seus trabalhos na minha pequena biblioteca. Papai tem andado em todas as livrarias, e não consegue encontrar, porque esta esgotado aqui no Rio, “O Picapau Amarelo”, “Poço do Visconde”, “As aventuras de Hans Staden”, e “as Novas Reinadoes de Narizinho. Se o senhor, com o seu prestígio aí em São Paulo, puder me resolver este problema, fico-lhe muito grato. (...) (Carta a ML. IEB/USP. C2P2C34).

À Pedro e família,

Que o espírito de Natal devolva a todos o verdadeiro amor do dia que deve ser o mais alegre do mundo, e que os ensinamentos deixados pelo Filho de Deus sejam nossa lição de vida neste Natal, e no Ano Novo que se inicia.

Que em 1990, você tenha muito sucesso! (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 29. 13/12/1989).

Cara amiga escritora: Ana Maria Machado.

(...)

É com muito prazer que venho demonstrar através desta cartinha minha admiração e carinho por sua pessoa.

Gostaria de dizer que gostei muito dos livros da coleção adivinhe só e gostei muito da maneira com que você expressa suas piadas, rimas e adivinhações.

Bem, já que não tenho internet gostaria que você me mandasse mais informações sobre outros trabalhos seus. (...)

(Carta a AMM. Carta 117, Pasta 2. 08/09/2003).

Dentre os elementos determinantes da construção da imagem do remetente, está a menção, por alguns deles, da idade e série escolar. Ao referir esses dados, o correspondente indica que não escreve somente como um leitor, mas assume também a *persona* do estudante. Deste modo, filia-se ao público leitor visado por esses autores – o público infanto-juvenil – ao mesmo tempo em que afirma sua pertença à instituição escolar, local de incentivo e circulação de leitura e também espaço de legitimação desta:

Presado Senhor.

Sou aluno do ginásio “S. Paulo e porta voz de meus colegas, todos admiradores do senhor desde pequeninos, desde os tempos em que liamos o “Narizinho Arrebitado” até agora que já lemos “Urupes”.(Carta a ML. IEB/USP. C2P2C24. 19/05/1945).

Pedro

Eu sou o Luciano do colégio Galileu Galilei e estou na 5ª série C.

A pedido da professora de Português, li o seu livro “A droga da obediência”. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 25. 15/05/1991).

Prezada Ana Maria Machado,
Eu me chamo Cristiana, tenho 10 anos, estou no 1º ano do Ciclo Intermediário da E. M. Prof José Silvestre Bastos, na cidade de Divisa Nova no sul de Minas Gerais.
Gosto muito de ler e agora estou lendo mais ainda, pois minha professora, D. Zaia, me incentiva muito. (Carta a AMM. Carta 8, Pasta 3. 20/11/2002).

2. A temática das cartas: livros, personagens e autores

Ao tratar do subgênero epistolar “cartas de leitores a escritores”, vêm à baila uma série de motes previsíveis para estas cartas. O primeiro deles é, sem dúvida, as citações e comentários sobre os livros do autor em questão – os leitores costumam elencar as obras lidas, para validar seu estatuto de leitores assíduos do(a) autor(a), além de se debruçar sobre aquelas de sua preferência:

Conheço quasi todos os livros que o Sr. escreve.
Já li A chave do Tamanho, A Pena de Papagaio, a Aritmetica da Emília, a Emilia no pais da Gramatica e outros.
Gostei de todos os que o sr. escreve. (Carta a ML. IEB/USP. C1P2C47. 10/06/?).

Me chamo Sabrine tenho 12 anos e sou uma grande fã sua e já li vários livros seus: Anjo da Morte, Pântano de Sangue, Droga da Obediência, O mistério da fábrica de livros, O fantástico mistério de Feuirinha, Malaventuras – safadezas do Malasarte e a Marca de uma lágrima. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 29. 23/01/1991).

Oi, Ana, Tudo bem?
Meu nome é Jaina tenho 10 anos e gosto muito das história que você escreve e leio muitas delas, como por exemplo: O mistério da ilha, Do outro lado tem segredos, O mistério do mar Oceano, O rato roeu a roupa, O domador de monstros, Festa no céu e muitos outros. Mas o que eu mais gostei foi: O Mistério do mar Oceano. (Carta a AMM. Carta 54, Pasta 4. 29/03/2005).

Além das obras de autoria do(a) autor(a), é freqüente a menção a livros traduzidos e/ou adaptados por este(a). No caso em questão, a figura do “tradutor” ganha relevo e, mesmo, sobrepõe-se à figura autoral, geralmente desconhecida destes leitores ainda ingressantes no universo literário. Há mesmo, algumas vezes, a confusão entre as duas figuras mencionadas e o tradutor é tratado como autor do livro:

Eu já li todos estes livros. Aliás, li e tenho estes livros – “Reinações de Narizinho – Viagem ao Céu – O Saci – Emilia no Paiz da Gramática – Robinson Cruzoe – Peter Pan – D. Quixote das crianças – Serões de Dona Benta – O Minotauro.”

As traduções do senhor que eu tenho são:
“Alice no Pais das Maravilhas – Contos de Andersen – Contos de Grimm – Novos Contos de Grimm – Aventuras do Barão de Münchhausen – Pinocchio – Contos de Fadas. (Carta a ML. IEB/USP. C2P2C14. 08/01/1946).

(...) Lí varios livros de sua autoria. Gostei muito de A Bela adormecida no Bosque, Raul da ferrugem azul, as cigarras e os formigas, o natal de manoel, Histórias meio ao contrário, Do outro lado tem segredo, Esta casa é minha, As viagens de marco polo, Um assassinato, um mistério e um casamento. Mas o que

mais mexeu comigo foi A Bela adormecida no Bosque. Durante muitos dias li vários de seus livros viajei nas suas histórias (...) (Carta a AMM. Carta 69, Pasta 3. 29/09/2004).

A leitora de Lobato se equivoca ao citar *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, entre os livros de autoria daquele, assim como também se equivoca a correspondente de Ana Maria Machado ao citar *A Bela Adormecida*, *As viagens de Marco Polo* e *Um assassinato, um mistério e um casamento*, respectivamente da autoria dos irmãos Grimm, Marco Polo e Mark Twain.

Dentre os comentários tecidos sobre as obras dos autores, há referências frequentes às personagens quanto às suas características, aos episódios que protagonizam nas histórias, à maior ou menor simpatia que causam no público:

Não há livros que me divirtam mais que os seus:

Emília com suas asneiras, Narizinho com suas perguntas, Pedrinho com suas valentias, tia Nastácia com seus quitutes, D. Benta com suas maravilhosas histórias, o Visconde com sua sabedoria, o marquês com sua gulodice e finalmente o rinoceronte com sua mansidão. (...) Não diga nada a ninguém, mas eu gosto mais do Visconde, ele é o mais camarada. (Carta a ML. IEB/USP. C1P1C7. 28/04/1934).

Sobre “A Droga da Obediência”, achei legal o grupo dos karas serem tão unidos (...) Gostaria de ser um dos karas. Achei Telmah personagem do livro “Agora estou sozinha...”, super corajosa, enfrentando a tudo e a todos (...) E quanto a Isabel do livro “A marca de uma lágrima”, era uma personagem que preferia ver os outros felizes do que ser feliz e achei ela uma pessoa de coragem, sem medo de morrer. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 29. 06/02/1988).

Terminei de ler os livros TUDO AO MESMO TEMPO AGORA E AMIGOS SECRETOS, editados pela Ática. Pareço muito com o Jajá, o garoto apressado da turma e bastante inteligente. Também gostei da turma do clubinho: Pereba, Tiago, Helô, Duda, Carol, Cláudia... (Carta a AMM. Carta 2, Pasta 2. 05/01/2005).

As observações que os leitores fazem das personagens possuem graus distintos de aprofundamento. Um dos fatores a afetar a natureza destes comentários é a simpatia que a personagem desperta no leitor. Alguns experimentam tal grau de simpatia pelas personagens que postulam, em suas cartas, uma plena identificação com estas:

Esta carta vai junta com a da minha irmã Vilma. Ela gosta muito da Emilia porque se parece com ela. Mas eu gosto mais de Pedrinho. (Carta a ML. IEB/USP. C1P3C19. Humberto Pires, s/d).

Sou uma garota de quatorze anos, e li seu livro “A marca de uma lágrima” e gostei muito, pois identifiquei-me demais com a personagem principal. A Isabel é muito parecida comigo; já me senti várias vezes como ela; senti-me feia, inferior, sem a mínima importância. E muito, muito apaixonada. E também, como a Isabel, gosto de ler e escrever. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 23. 28/09/1988).

Meu nome é Laís, tenho 12 anos, estudo no colégio Almeida Jr. e adorei ter lido o seu livro: Amigo é Comigo.

Me achei super parecida coma Tatiana, porque percebi que ela, como eu, faz de tudo para manter uma amizade. (...)
(Carta a AMM. Carta 21, Pasta 3. 17/10/2004).

Nessa troca epistolar leitor-autor, não são apenas os livros do autor-destinatário a serem abordados – muitos leitores comentam sobre a leitura de outros escritores, assim como pedem conselhos sobre bons livros:

Estou lendo “Relíquias da Casa Velha” de Machado de Assis. E juro, de olhos fechados, não sobre a Bíblia, pés sôbre pedra de gelo que é um livro do “princípio”. Prefiro mil, milhões, nomilhões de vezes o “Memórias Póstumas”. Não há comparação. Agora peço-lhe um conselho do fundo do coração: que acha que eu devo ler do Camilo? Diga um livro, por favor! Romance não! mas um bom! um verdadeiramente “camiliano”. Não se esqueça, sim? (Carta a ML. IEB/USP. C1P2C30. s/d. grifo da autora).

Por falar em livro, já acabei de ler “A Odisséia” e agora estou lendo “Canaã” de Graça Aranha. Mas o livro que pretendo ler mesmo é “Os miseráveis” de Vitor Hugo. Se você tiver alguma sugestão sobre algum livro, me diga. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 29. 14/03/1988).

É perceptível, nos trechos acima, a visão do autor como alguém capaz de ajuizar sobre o valor literário de um texto, discernir entre bons e maus livros e guiar o leitor entre estes primeiros.

Por trás deste diálogo epistolar entre leitor e autor podem-se entrever aspectos da imagem que o público leitor infanto-juvenil tem acerca do autor a quem escreve. A constituição da imagem de um autor, como a de qualquer artista, é afetada pelos mais diversos elementos do campo simbólico nos quais ele está inserido. Nas palavras de Bourdieu:

... o artista que faz a obra é ele próprio feito, no seio do campo de produção, por todo o conjunto daqueles que contribuem para o “descobrir” e consagrar enquanto artista “conhecido” e reconhecido – críticos, prefaciadores, marchands etc. (BOURDIEU, 1996, p.193).

Em se tratando de escritores de literatura infanto-juvenil, pode-se incluir entre os “instrumentistas” da consagração, e em grande relevo, a Escola.

Nas cartas de alguns leitores de Ana Maria Machado, percebe-se de forma transparente a influência dos discursos escolares na constituição da imagem autoral: os alunos-leitores mencionam o trabalho em sala de aula com a biografia da autora e mesmo expressam abertamente a opinião da professora em relação a esta:

Minha professora de redação fala muito da senhora. Foi a partir de uma iniciativa dela, ao estimular nós, alunos, a fazer um trabalho sobre suas obras e sobre sua vida, que me interessei cada vez mais sobre suas obras e sua vida. Minha professora de redação, a Evaneide, está pensando na possibilidade de nos levar numa palestra que vai ter no Sesc de Catanduva, que será em setembro, sobre a senhora! Vai ser muito bom conhecê-la melhor... (Carta a AMM. Carta 77, Pasta 4.20/09/2004).

É perceptível que os dados biográficos lidos em para-textos de livros (e, no caso de Ana Maria Machado, também em site) influenciam também a imagem do leitor sobre o(a) autor(a) e

as cartas trazem, inclusive, as impressões causadas pela fotografia do(a) autor(a), reproduzida na biografia:

Aqui fala sua fã nº: -1

Eu acho seus livros bacanérrimos. Eu acho seu sorriso, nas fotos que há nas biografias, muito engraçado. Dá a impressão, de ser alguém que está sempre de bem com a vida. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 30. 25/09/1991, Sarah).

Adorei sua biografia e sua foto no livro “De carta em carta” parabéns pelo seu livro adorei muito você é uma boa escritora Ana. (Carta a AMM. Carta 37, Pasta 3. 29/04/2004).

Vários leitores alongam-se em comentários, conjecturas e questionamentos sobre como deve ser a vida de um escritor, mostrando-se curiosos, por exemplo, pelos hábitos de leitura e gostos literários dos autores:

Gostaria de saber qual dos seus livros que você mais gostou de escrever. Seu autor preferido variando de Romance Policial, Aventura, tragédia, Poesia, Contos e Fábulas. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 29. 25/09/1991, Sarah).

Eu queria saber mais sobre a vida de um autor. Dever ser emocionante imaginar casos que muitas pessoas irão lê-los e criticá-los. Eu gostaria muito se você me mandasse uma carta falando sobre você, e como é a vida de um autor no Brasil. É a primeira vez que eu mando uma carta a um autor, por isso não sei se um autor tem tempo para responder a uma leitora. Mesmo assim, eu espero que você me responda. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 23. 13/11/1989, Giselle Jobim Roessler).

O estilo de escrita dos autores é também mencionado como elemento que induz a simpatia do leitor por estes. Os comentários, em geral, tem um mesmo teor de elogio ao “modo de escrever” do(a) autor(a), caracterizando-o como “claro”, “simples”, “fácil de compreender”:

O Sr. tem um modo tão simples de dizer as coisas difíceis que elas se tornam logo faceis. (Carta a ML. IEB/USP. C1P3C27. 22/02/1945).

Pedro Bandeira gostaria de parabeniza-lo pela forma clara e gostosa que escreve e pelas gêniais histórias que cria. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 29. 13/11/1991. grifo do autor).

Adoro seu jeito de escrever, da maneira que você brinca com as palavras, do jeito que você descreve seus personagens, do jeito que você faz nós leitores prestar atenção nas suas histórias bem contadas, nos seus textos bem escritos. (Carta a AMM. Carta 74, Pasta 4. s.d.).

Dentre os imaginários de autor expostos pelos leitores, transparece o *status* social e intelectual que conferem àquele – vários leitores vêem o(a) autor(a) a quem escrevem como uma figura envolta em *glamour*, a despertar a curiosidade e o respeito do público, e a correspondência com este(a), por sua vez, estende tal *status* ao próprio leitor:

Sr. Monteiro Lobato

Fiquei grandemente alegre ao receber a sua carta. Imaginem, eu receber uma carta do creador da Emília e do Visconde de Sabugosa! Boy. O Boy! (Carta a ML. IEB/USP. C1P2C38. 28/11/1944).

... queria muito que me escrevesse dando uma resposta ao pedido e também queria lhe considerar um amigo, pois seria um dos maiores orgulhos para mim poder dizer as minhas amigas que me correspondo com “Pedro Bandeira”. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 23. 20/11/1991, Elizangela Pontes de Azevedo).

Esta visão “glamourosa” da figura autoral também transparece nos constantes pedidos de fotografias e autógrafos (que frisam a necessidade destes “fãs” de possuir alguma lembrança de seus ídolos), bem como no desejo manifesto de alguns remetentes de conhecer o autor que admiram:

Querido Dr. Monteiro Lobato.
Sou muito sua admiradora. Gosto imensamente dos seus livros é por isso que tenho quase toda a sua coleção.
Tenho muita vontade de conhecê-lo pessoalmente. (Carta a ML. IEB/USP. C1P1C27. 08/04/1935).

É a primeira vez que mando um carta a um autor de livro.
(...)
Acho que o senhor tem idéias maravilhosas.
Queria um autógrafo e um retrato do senhor.
(...)
Por favor não esqueça de me mandar a foto e o autógrafo.
Eu te admiro muito e sempre te admirarei. (Carta a PB. CEDAE/Unicamp. Pasta 29. 03/06/1991).

Eu queria Tanto te conhecer, mas como não é possível, você poderia mandar uma foto sua para mim, pois vou Adorar. (Carta a AMM. Carta 32, Pasta 4. 20/08/2004).

Conclusão

A partir dos comentários apresentados neste texto, faz-se necessário reconhecer a grande similaridade das cartas destes três grupos de leitores, o que, por sua vez, remete à cristalização deste “subgênero epistolar”, provavelmente potencializada pela circunscrição, cada vez mais evidente, da literatura infanto-juvenil no universo escolar. Não obstante, essa correspondência aparece como, de certa forma, burlando a rede de mediações, que cada vez mais se distende, entre autor-obra-público: a carta permite um acesso direto do leitor ao autor (principalmente quando a missiva é uma iniciativa do próprio leitor, não mediada pela escola, e que, portanto, não tem o intuito de cumprir uma tarefa pedagógica ou confirmar certos protocolos já estipulados de leitura) possibilitando a este, por sua vez, obter informações sobre o êxito de sua obra entre o público leitor.

Referência Bibliográfica

- [1] BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Autor

¹ **Raquel AFONSO DA SILVA, Doutoranda**

Instituto de Estudos de Linguagem (IEL – UNICAMP)

sob a orientação da Profa. Dra. Marisa Lajolo e com o apoio financeiro da Fapesp.

afonso.raquel@gmail.com

² É importante frisar que a ortografia original das cartas dos leitores foi mantida nas transcrições. O índice das citações será feito da seguinte forma:

Para as cartas dos leitores lobatianos, referência ao nº da Caixa, Pasta e Carta, respectivamente, seguindo a própria classificação do IEB. Para as cartas dos leitores de Pedro Bandeira, referência à Pasta em que se encontra a carta no CEDAE. Para as cartas dos leitores de Ana Maria Machado, referência ao nº da Carta e à Pasta em que está alocada, segundo ordenação leita ao longo da pesquisa.

Nas citações seguintes, o nome dos escritores destinatários das cartas será referido a partir dos índices: Monteiro Lobato – ML; Pedro Bandeira – PB; Ana Maria Machado – AMM.